

APRENDENDO A ENSINAR: UM OLHAR SOBRE A REGÊNCIA NO CONTEXTO DA RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA

Alessandra Laís Silva Marinho ¹
Suellen Araújo Sousa ²
Ana Cláudia Soares Pinto ³
Tatiana Fernandes Santana ⁴

INTRODUÇÃO

Iniciamos nossas atividades no Programa de Residência Pedagógica/Letras-Português/Campus I – UEPB, cota 2020-2022, de maneira nova e atípica, por meio do ensino remoto, devido ao fato de estarmos enfrentando a pandemia da “Covid-19”, que ocasionou a suspensão das aulas presenciais. A partir desta realidade, tivemos que (re)pensar novas formas de ensino e aprendizagem de modo que os discentes fossem envolvidos neste processo, sem que houvesse maiores prejuízos. Procuramos elaborar os nossos encontros de forma que fossem os mais dinâmicos possíveis para melhor viabilizar o ensino dentro desse cenário.

Visando a análise da nossa experiência, objetivamos refletir sobre as principais dificuldades que vivenciamos e destacar as experiências positivas que obtivemos neste processo de ensino-aprendizagem. Para reflexão da nossa prática, utilizamo-nos dos estudos de Saviani e Galvão (2021); Rocha (2020); além da BNCC (2018), intencionando reflexionar acerca da modalidade de ensino remoto e do estudo da língua por meio do uso de diferentes gêneros textuais, orais e/ou escritos.

Optamos por relatar dois momentos com os quais aprendemos muito. O primeiro consiste na realização de uma aula pouco exitosa, cujo foco era ensinar sobre os gêneros textuais “reportagem” e “notícia”. E o segundo compreende uma aula sobre a literatura de cordel cujo êxito cremos ter alcançado, dado ao nosso amadurecimento.

¹ Graduanda de Letras-Português da Universidade Estadual – UEPB – Bolsista da Residência Pedagógica (2020/2022) – CNPQ, alessandra.rego@aluno.uepb.edu.br;

² Graduanda de Letras-Português da Universidade Estadual – UEPB – Bolsista da Residência Pedagógica (2020/2022) – CNPQ, suellen.sousa@aluno.uepb.edu.br;

³ Doutora em Linguística pela Universidade Federal – UFPB – professora da Secretaria de Educação/ Campina Grande-PB; preceptora do Programa de Residência Pedagógica (2020/2022) ana.pinto@edu.prof.campinagrande.pb.gov.br;

⁴ Doutora em Linguística Aplicada pela Universidade Federal – UFPB – professora assistente da Universidade Estadual da Paraíba (Campus I); Coordenadora do Programa de Residência Pedagógica (2020/2022) tatianasanta@servidor.uepb.edu.br.

METODOLOGIA

Considerando que vivenciamos o ensino remoto, utilizamos ferramentas tecnológicas tanto nas aulas síncronas como nas assíncronas para exposição e explanação dos conteúdos e das atividades. Para os encontros online com a turma, utilizamos o Google Meet. As aulas se davam de forma expositiva dialogada, com o uso de slides dinâmicos (baixados da plataforma “Slidesgo”) e, por vezes, também, o uso de jogos virtuais. Mesmo os slides, em sua versão original, sendo envolventes, esforçamo-nos ao máximo para incrementar neles elementos que agregassem às aulas, para tal criamos nossas Bitmogis, versões “emogi” de pessoas; além de que, oportunamente, passávamos vídeos do YouTube condizentes com o conteúdo da aula.

Nas aulas assíncronas, valemo-nos do Google Classroom para postagem das atividades, sendo que algumas delas eram respondidas por meio do Google Forms.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Sabemos que desde o final de 2019, houve uma evolução expressiva da doença “Covid-19”, que de surto, passou à pandemia; impactando, dessa forma, abrupta e negativamente, diversas esferas da vida humana, pomos em relevo a educacional. No tocante a esta, houve a paralisação do ensino presencial, com o fim de se evitar a contaminação dos sujeitos envolvidos no processo ensino-aprendizagem. Contudo, como posto na BNCC (2018) “Educação é a base”, logo, uma solução que contornasse a paralisação desse pilar fundamental se tornou urgida: o ensino remoto.

Quando nós, alunas de Letras-Português da Universidade Estadual da Paraíba, nos tornamos bolsistas do Programa de Residência Pedagógica, ainda em 2020, cogitávamos, no Módulo I, a possibilidade de que, em algum momento de nossa regência, ensinaríamos de forma presencial. Entretanto, devido ao contexto pandêmico, fomos impossibilitadas de vivenciar esta realidade. Ainda assim, mesmo toda a nossa regência tendo se dado de forma remota, ela foi dividida em três módulos, como proposto pelo edital desta 2ª cota.

Vamos priorizar, neste trabalho, as aulas ministradas no primeiro e no segundo módulos. Em ambos, lecionamos aulas via Google Meet, de maneira síncrona, sempre às segundas-feiras e, nas quartas e quintas-feiras, postávamos atividades no Google Classroom, para serem respondidas pelos discentes, assincronicamente. Em cada módulo, nos era repassado, pela preceptora, o tema e os conteúdos a serem aplicados em sala, assuntos próprios do programa da

turma. Destarte, antes de montarmos os slides, principal meio pelo qual lecionamos, preparávamos planos de aula para que fossem avaliados pela nossa orientadora e preceptora; após as orientações, colocávamos “a mão na massa”.

Na nossa primeira aula do Módulo I, que tratava da pandemia e do ensino remoto, tivemos um bom rendimento, apesar de termos deixado para o final o ponto central, não dando tempo de terminá-lo. Vemos, hoje, que tal falta deve ser evitada, pois, por mais que nos empolgemos em demorar em algum tópico, o epicentro da aula não pode ser deixado à margem.

Em se tratando do nosso segundo encontro, achávamos que a aula tinha sido melhor. O objetivo consistia em comparar os gêneros textuais “notícia” e “reportagem” tanto na forma escrita quanto oral. Terminada a aula, em uma reunião, não tivemos uma avaliação positiva, nossa orientadora apontou que a mesma não havia sido satisfatória, por não ter tido clareza, pois o enfoque fora dado à exposição de características dos gêneros. Vale lembrar que, após as aulas, eram realizadas reuniões nas quais tanto os residentes como a orientadora e a preceptora apontavam nossos êxitos e falhas. O que depois entendemos é que tínhamos praticamente ministrado pensando em alunos universitários e não em discentes do sétimo ano. Fomos tradicionais e expositivas demais, colocando os alunos em uma posição passiva, visto que, focalizamos prolixamente, quase que exclusivamente, as características estruturais dos gêneros “reportagem” e “notícia”. Não sabíamos como ensinar. Aquela aula nos ensinou a ter humildade em reconhecer os nossos erros e a redirecionar o nosso olhar para o refazer, sendo este parte inerente do processo ensino-aprendizagem, visto que possibilita que se direcione o olhar para os desacertos cometidos, podendo assim corrigi-los, o que, conseqüentemente, leva ao aperfeiçoamento da prática pedagógica.

Em se tratando das dificuldades ocasionadas pelo ensino remoto, ressaltamos que sofremos a perda de algo imprescindível para o nosso desenvolvimento profissional: não ter tido contato presencial com a equipe escolar e com a escola em questão. Por mais que a equipe marcasse reuniões que versassem sobre as turmas, atividades, avaliações, andamento das aulas dos professores, entre outros aspectos e nos convidasse para participar das mesmas, sentimos falta de adentrar à escola e conhecê-la na íntegra.

É notório que a modalidade de ensino remoto se constituiu um desafio, tanto para discentes como para docentes, acerca disso, Saviani e Galvão (2021), divisando os dois lados da moeda, destacam:

“No “ensino” remoto, ficamos com pouco ensino, pouca aprendizagem, pouco conteúdo, pouca carga horária, pouco diálogo. Em contrapartida, temos muitas tarefas. Do lado dos alunos, estes (...) supostamente passam a ser “autônomos” e vão em busca do próprio conhecimento, assoberbados com a multiplicação de leituras, vídeos, podcasts, webinários etc. Já do lado dos docentes, estes estão abarrotados de trabalhos para corrigir, mensagens de e-mails e aplicativos, fóruns de ambientes virtuais e outros para dar conta.” (p.42)

Apesar dos pesares, esta modalidade trouxe-nos a percepção axiológica do quanto o ensino está sujeito a alterações e de como todos os envolvidos nesse processo necessitam se adaptar e agir mediante situações adversas, se reencontrando e se reconstruindo seja enquanto alunos ou profissionais.

Como culminância do 1º Módulo, em conjunto com os demais residentes, elaboramos um vídeo¹ que contou com a participação de alguns alunos e familiares, no qual eles falaram sobre a sua percepção quanto ao ensino remoto.

Em se tratando do Módulo II, o iniciamos com mais experiência e confiança em nós mesmas como docentes, uma maior apropriação das tecnologias de ensino e trabalhando numa perspectiva de uso de metodologias ativas. Escolhemos laborar com a temática “Diversidade cultural” a partir do gênero “cordel” e com o conteúdo linguístico “formação de palavras”. O trabalho com o gênero foi o que mais nos marcou, uma vez que recebemos a proposta de propor aos discentes que criassem um cordel. Constituiu-se, pois, em um desafio, tendo em conta que se tornou imprescindível que houvesse o ensino aprofundado do aspecto histórico e estrutural dessa literatura, visando sua criação.

Para isso, destacamos alguns feitos de uma aula que nos deixou orgulhosas de nosso progresso. Na mesma, utilizamos, como elemento motivador, um vídeo que versava sobre as características da Literatura de Cordel e apresentamos imagens do personagem “Pedro Malasartes”, a fim de destacar a sua importância na literatura. O epicentro da aula foi a leitura conjunta do cordel “Pedro Malasartes e a sopa de pedra”. A partir da mesma, enfocamos os aspectos semânticos e os temas dos quais um cordel pode tratar e trabalhamos efetivamente os aspectos constitutivos do gênero (como tema, conteúdo, estrofe, rimas, etc.), alcançando que os alunos compreendessem. Exitosamente, não utilizamos o gênero textual como um célere pretexto para abordar exclusivamente suas características estruturais, mas, efetivamente, esmiuçamos o todo do texto.

Cabe destacar que, em um outro dado momento, juntamente com a preceptora e o professor de Artes, organizamos um encontro com o cordelista e professor Roniere Leite

¹ Vídeo disponível em: https://drive.google.com/file/d/12mXUzrW5PedDmWzBS_PVAWC_xwTZ32-Z/view?resourcekey

Soares, a fim de que os alunos tivessem um contato direto com um produtor dessa arte, visando um despertar de interesse.

Percebemos que o trabalho com o gênero despertou em nós um sentimento prazeroso dado o ensino efetivo da perspectiva Bakhtiniana, uma vez que os gêneros textuais funcionam como meio de interação, como ferramentas de ensino na prática de leitura e produção de texto e como aliados no processo de ensino-aprendizagem da língua materna. Em seus estudos, Dolz e Schneuwly (2004, *apud* ROCHA, 2020), dão destaque à questão do gênero textual, ao acreditarem que a abordagem e estudo da língua devem ser feitos por meio dos textos e sugerem a utilização de diferentes gêneros textuais, sejam eles orais ou escritos em sala de aula.

Em nossa regência, uma das coisas mais especiais que foi concretizada foi a produção de um cordel pela turma cuja temática era sobre “as manifestações culturais de Campina Grande”. Tal criação foi fruto da escrita e reescrita conjunta dos alunos. A partir da feitura dessa obra, nós nos vimos como parte integrante e importante no processo de ensino-aprendizagem dos discentes, tendo em vista também que, escrever, para eles, se tornou algo relevante e com objetivo, pois redigiram sobre a cidade em que fica localizada a escola na qual estudam e residem.

O Cordel foi lançado em livro pela escola e apresentado na IV Feira Literária de Campina Grande. O livro é uma coletânea de textos produzidos pelos alunos no decorrer do ano letivo dentre os quais estavam presentes os diferentes gêneros que nós, residentes dessa cota 2020-2022, trabalhamos com os estudantes.

Para o término do 2º Módulo, estamos produzindo um e-book que contém todas as produções realizadas no subprojeto Letras-Português da Universidade Estadual da Paraíba — Campus I.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Entendemos que a Residência Pedagógica contribuiu muitíssimo para a nossa formação, devido a diversos fatores, tais como: proporcionar aprender a como ministrar aulas e a interagir com o alunado; permitir ter um contato “direto” com a sala de aula, fazendo com que deixássemos de estudar exclusivamente as teorias acadêmicas para imergir-nos na prática; possibilitar que errássemos e aprendêssemos com as nossas falhas; ensinar-nos a ter humildade e a saber lidar com os apontamentos negativos quanto ao desenvolvimento das aulas, assim como a nos sentir realizadas com os objetivos alcançados graças aos frutos provenientes do cultivo das nossas competências, entre outros.



Acreditamos que o Programa da Residência Pedagógica nos propiciou a reflexão da emergência de ponderar os modelos tradicionais de formação e atuação de professores, tornando-se um espaço formativo que possibilita o repensar a práxis pedagógica a partir da vivência do cotidiano escolar. Logo, tivemos a oportunidade de fazer parte de um programa fundamentado na valorização da educação básica e numa visão de formação diferenciada e complexa que realmente problematiza a inserção dos professores no contexto da sala de aula. A Residência possibilitou-nos unir prática e teoria dos conteúdos que estudamos durante o curso de Letras – Português, adquirindo competência técnica tanto em relação aos conhecimentos específicos da área quanto à prática docente. Além disso, possibilitou a construção e troca de saberes, o que contribuiu para a formação de nossa identidade profissional.

Palavras-chave: Ensino remoto, Prática docente, Residência Pedagógica.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) por ter nos possibilitado o aprendizado e aperfeiçoamento da prática pedagógica por meio da imersão no ensino da Educação Básica.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC/Secretaria de Educação Básica, 2018.

ROCHA, Anna Gabrielle Amorim. A importância dos gêneros textuais no processo de ensino-aprendizagem de Língua Portuguesa. **Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento**, São Paulo, v. 10, ed.3, p. 18-32, 2020.

SAVIANI, Demerval; GALVÃO, Ana Carolina. Educação na pandemia: a falácia do “ensino” remoto. **UNIVERSIDADE E SOCIEDADE**, Brasília, v. 67, p. 36-49, 2021.